

## SANTA CLARA NA REVOLUÇÃO FEDERALISTA DE 1893

Hilda Agnes Hübner Flores

A Revolução Federalista de 1893 — reação à excessiva centralização da jovem República — alastrou-se inicialmente pela zona da campanha gaúcha, para nos dois últimos anos atingir também municípios de povoamento alemão ou teuto, como Nova Petrópolis, Montenegro, São Sebastião do Caí, Taquara, Santa Cruz do Sul, Taquari, Venâncio Aires, Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Teutônia, Encantado.

Piquetes Governistas ( pica-paus ) e Federalistas ( maragatos ) incursionavam pelas sedes dos municípios e pelas Picadas interioranas, pilhando objetos e gêneros alimentícios, requisitando animais de abate e de montaria, seqüestrando “voluntários” e, às vezes, causando mortes. A violência recrudesciu à medida que os colonos tentavam de alguma forma se defender, oferecendo resistência.

Além das duas facções oposicionistas atuaram também na região do Taquari grupos de assaltantes conhecidos por “serranos” ou “ervateiros”, porque procedentes da região montanhosa da redondeza ( Soledade ? ), de ervais nativos. Eram oportunistas que, mesmo não sendo Federalistas, assumiram atitude hostil contra o Governo. Segundo Firmbach, surgiram em réplica à atuação facciosa da imprensa ( cita o *Pionier* ) e de Intendentes municipais que faziam recrutamento forçado para suas fileiras.

Theodor Firmbach, médico residente em Estrela, em 1896, editou naquele ano o opúsculo *Die Deutsch-brasilianische Pikade Santa Clara im Revolutionsjahre 1895* ( “A Picada brasileiro-alemã de Santa Clara no ano revolucionário de 1895” ), Tip. do Centro, Porto Alegre, no qual coloca sua visão acerca da atuação dos diferentes grupos beligerantes que incursionavam pelas Picadas de Venâncio Aires e Lajeado, destacando a corajosa defesa de Santa Clara, pequena localidade distante, hoje, cerca de 20 minutos de Lajeado, que à época estava em pleno desabrochar, pois fora povoada por imigrantes alemães havia cerca de duas décadas.

O opúsculo de Firmbach constitui importante documento, ao lado de informes da imprensa da época e de depoimentos testemunhais, pacientemente coletados pelo jesuíta Alberto Träsel ( *Der Maragatenkrieg*, 1960 ). Serve de base para o presente artigo.

De maneira geral o imigrante alemão não teve vivência política na Europa, e no Brasil sentia-se realizado em sua propriedade rural de

economia de subsistência do tipo familiar. Manteve-se afastado de posicionamentos políticos, ainda mais que estava carente de liderança desde o falecimento, em 1890, de Carlos von Koseritz, o grande líder da germanidade. O agrupamento político dos colonos alemães sob forma de associação ou partido político, tentado por Koseritz, dera resultado infrutífero, de sorte que as colônias alemãs encontravam-se inteiramente desprotegidas, não contando senão com suas próprias forças quando se tratava de defender suas propriedades da ganância dos revolucionários.

Na região enfocada por Firmbach atuaram sob as ordens do temido maragato Zeca Ferreira os chefes Palmira, José da Rocha, cap. Antônio Ribeiro dos Santos e Altenhofen, este último o único a respeitar os direitos dos colonos, atitude que as tropas do governista Santos Filho não souberam manter, embora dizendo-se em missão protecionista aos colonos.

Quando os maragatos invadiram Estrela, causaram inquietude pelos arredores. Os moradores de Santa Clara decidiram posicionar-se ao lado da autoridade constituída, propondo-lhe fornecer gêneros alimentícios e animais, desde que devidamente requisitados, o que efetivamente ocorreu por duas vezes.

Os maragatos transitavam pelas Picadas geralmente em incursões rápidas, subtraindo dos colonos aquilo que lhes parecia útil: mantimentos, animais, arreios, pelegos, mantos etc. Tudo isto era de real valor para os colonos, porque adquirido penosamente, com labor e persistência no trabalho da terra.

Firmbach enumera as Picadas circunvizinhas a Santa Clara mais atingidas: Nova Berlim, onde o colono Jakob Jommer ofereceu resistência, sofrendo por isso novo atentado no qual ele e seu filho saíram bastante feridos, sua casa pilhada e destruída e seu gado roubado. Em Picada Aurora assaltaram a residência de José Ahrenhart e duas vezes a de José Rockenbach, mantendo a família deste sob forte tensão emocional ante ameaças de degolamento. Em Picada Eckard às 11 horas da noite Fritz Limo ( Frederico Lima ? ) assaltou e pilhou duas residências, levando os proprietários consigo como reféns. Das Picadas Aurora e Augusta levaram como reféns dois irmãos moradores em Santa Clara; aí prenderam suas famílias, saquearam e obrigaram os prisioneiros a dar Vivas à Federação. Em Santa Clara saquearam ainda a propriedade de Michel Ruschel Sobrinho, por cuja vida interveio a esposa com súplicas veementes. O total de saques somava mais de cinco contos de réis.

Nesse meio tempo também as forças legais causaram descontentamento quando o Comandante de Lajeado convocou os recrutas para defender a sede do município. Como só poucos jovens se apresentaram voluntariamente houve verdadeira caçada aos mesmos, sendo

substituídos por idosos aqueles que não foram encontrados. Mesmo liberando os velhos em pouco tempo, o fato provocou irritação geral dos colonos contra os vários partidos revolucionários, por lhes alterarem o clima de laboriosidade e paz.

Os assaltos às três residências em Santa Clara esgotaram a tolerância dos pacíficos moradores, que procuraram o jovem e ponderado líder José Diehl para que comandasse a defesa da Picada. Juraram-lhe obediência.

O armamento da Picada eram velhas espingardas de caça e pistolas, impróprias e insuficientes para enfrentar o inimigo. Resoluto, Diehl procurou o Comandante de Lajeado, foi por ele encaminhado ao de Estrela, Major Bandeira, e este o enviou a Porto Alegre onde, em companhia de outros colonos e do Intendente de Lajeado, adquiriu modernas armas e munição.

Na Picada houve treinamento militar, estabeleceram senhas e montaram guarda permanente. Aliás, esta defesa organizada foi uma constante nas colônias ameaçadas. Pe. Arsênio Schmitz ( **Uma Nova Imagem para Nova Petrópolis**, Roma Gregoriana/1975, p. 73 ), assim a descreve:

“... na sede do município de Nova Petrópolis, sob o comando do Prof. Alfredo Steglich, reuniu-se mais de uma centena de homens. Fizeram treinamento de ordem unida. Ajuntaram armas e munições. Organizaram um sistema de alarme. Fabricaram instrumentos. Convencionaram senhas. Começaram a montar guarda nas estradas, colocando sentinelas nas entradas das Picadas. Chegaram a treinar mais de 500 homens”.

Em 15 de maio de 1895 a ronda santa-clarense contatou dois patrulheiros avançados das forças inimigas que vasculhavam Boa Esperança, em caminho para Santa Clara. Feriram um e puseram em fuga o outro; dos dois cavalos recuperados, um era de propriedade de um morador local, roubado na semana anterior.

Capitão Antônio Ribeiro dos Santos revidou com duas cartas ameaçadoras, dizendo que Zeca Ferreira estava em caminho com uma força de mil homens, pronto para arrasar a Picada e adonar-se da população feminina. Vendo em jogo a segurança de suas famílias, os santa-clarenses juraram combater “até a última gota de seu sangue” e recrudesceram a vigilância e os preparativos. Treinamento militar, missas, rezas, canções, fé em Deus, por certo influíram para assegurar sua autoconfiança.

O assalto ocorreu ao raiar do dia 28 de maio. Constatada a presença do inimigo, quatro sentinelas cavalgaram até a Picada em busca de

reforço, enquanto as seis restantes opunham tenaz resistência, retardando a invasão. Ao repicar do sino acorreu toda a população masculina, chegados de perto e de longe. Tomaram posições estratégicas em valos ou atrás de moitas, respondendo com saraivadas de balas às sucessivas investidas dos piquetes inimigos, que recuavam e retornavam em número crescente, chegando a 150, equivalente, talvez, à força total dos locais. Na retaguarda havia centenas de inimigos. O jeito era não deixá-los penetrar na Picada, de um único acesso. Diehl explorou a força moral de sua gente, ordenando com decisão:

— Em nome de Deus, avançar !

O inimigo não esperava atitude tão resoluta, nascida do desespero de ganhar ou tudo perder. Mais preparado para o saque do que para a luta, bateu em retirada com as primeiras baixas, sofrendo ainda perseguição dos santa-clarenses. Teve sete mortos além de 35 a 40 feridos graves, muitos dos quais vieram a falecer; perderam ainda sete cavalos selados, ponchos, laços e objetos diversos.

Nos troncos das árvores furados à bala, o testemunho mudo que evocou à posteridade a luta fratricida. No local do combate, distante cerca de 5km do centro da Picada, os santa-clarenses ergueram modesto monumento alegórico, evocando a vitória dos locais, com uma baixa apenas.

Tão agradecidos ficaram, que em plena Revolução iniciaram a construção de uma capela de linhas góticas, que até os dias atuais se destaca solene em meio às edificações da Picada. Por cerca de três décadas comemoraram o 28 de maio, dia da vitória local, com solenidades religiosas e profanas.

A Sociedade de autodefesa que criaram no decorrer da Revolução, congregou 90 homens e era semelhante a dezenas de outras, nascidas da necessidade de defesa contra as hordas inimigas. Passada a Revolução, a maioria se extinguiu ou sofreu transformação, renascendo em 1923, quando acontecimentos semelhantes exigiram novamente necessidade de autodefesa. O álbum centenário da imigração alemã, em 1924, acusa a existência de 67 delas, que, no entanto, tiveram vida efêmera após a Revolução.